

A escola e a inclusão de portadores de necessidade especiais:Portadores da síndrome autismo

Autores

Meire Cotchange
Claudelize Bastioni
Jose Augusto Emeri

1. Introdução

INTRODUÇÃO

O Autismo foi diagnosticado pela primeira vez há cerca de 60 anos pelo psiquiatra americano Leo Kanner, que acreditava tratar-se de um distúrbio psicológico, reflexo das atitudes de maus pais, ou, mais especificamente de uma mãe fria e distante. Felizmente essa tese perdeu a credibilidade, porém ainda não se sabe ao certo qual ou quais as causas do Autismo.

Segundo SCHWARTZMAN (1994), o Autismo infantil (AI) é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces e que se caracteriza, sempre, pela presença de desvios nas relações interpessoais. Trata-se de uma condição crônica com início sempre na infância, em geral até o terceiro ano de vida, com maior incidência entre meninos. Autópcias realizadas em autistas revelaram que as células da região límbica, responsável por mediar o comportamento social, são menores e mais condensadas nos autistas, sugerindo uma interrupção precoce no desenvolvimento dessa parte do seu sistema nervoso. Também, são verificadas alterações cromossômicas em indivíduos autistas, a ocorrência de X frágil, que é uma condição genética herdada, produzida pela presença de uma alteração molecular, ou mesmo de uma quebra na cadeia do cromossomo X, condição esta associada a problemas de conduta e aprendizagem, que tem sido estudada por vários pesquisadores com resultados bastante discrepantes.

Ainda hoje não existe um consenso sobre as causas do Autismo. Há hipóteses que sugerem uma origem genética oriunda de mutações, outras de viroses e intoxicações por produtos químicos. Por isso, o Autismo é considerado uma síndrome, um conjunto de sintomas que pode ter mais de uma origem, e não uma doença. Pode-se entender Autismo como um distúrbio do desenvolvimento, uma deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial recebida, fazendo a criança reagir a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto que a outros estímulos não.

A Associação Brasileira de Autismo, em 1997, calculou que no Brasil existam aproximadamente 600 mil pessoas afetadas pela síndrome do autismo e, a prevalência é quatro vezes maior em meninos do que em meninas.

Para o tratamento, via de regra, um ambiente de educação especial é necessário, onde os profissionais devem ser treinados para lidar especificamente com essas crianças, portadoras de síndrome do autismo. A intervenção deve ser a mais intensiva e precoce possível, realizada por equipe multidisciplinar que inclua psiquiatra da infância e adolescência, psicólogo, neurologista, pediatra, professor, psicopedagogo, fonoaudiólogo e fisioterapeuta, dentre outros.

O professor, ou o educador que pretende trabalhar com alunos em condição de inclusão possui agora uma tarefa que lhe surge como um desafio. BAPTISTA e BOSA (2002) chamam o aluno que chega para a inclusão de *novo aluno* e o que já faz parte da sala de aula de *aluno antigo*. A complexidade do desafio suscita ao professor uma angústia que se faz ouvir imediatamente por meio de uma queixa tríplice: "Que posso fazer?", "Que devo fazer?" e "Que posso esperar?" Tem-se a impressão que o professor coloca-se no centro da situação esquecendo-se que deve se preparar muito para esta tarefa que lhe é imposta..

O aluno está em uma situação delicada, pois da rotina em que se encontrava viverá a transição para uma nova situação. Talvez não traga consigo uma queixa manifesta, mas é certo que terá de se adaptar a um novo contexto, com novas pessoas e novas circunstâncias.

É preciso, então, que seja muito bem-acompanhado nessa etapa de transição. O diagnóstico transdisciplinar deve levar em conta o aluno em um contexto anterior, onde ele se encontrava antes de chegar à nova sala de aula. A partir disso, o aluno poderá ser ajudado no trabalho de inclusão. Nessa perspectiva, o centro é o aluno e não o professor.

A avaliação consiste de um exame da situação desse novo aluno, de suas peculiaridades, de suas necessidades e diferenças em relação aos alunos antigos. Para que essa avaliação produza, de fato, um conhecimento que auxilie no trabalho com o novo aluno é preciso que ela seja compartilhada com outros profissionais. Daí a importância do professor receber assistência adequada de uma equipe com profissionais de outras áreas que possam permitir uma articulação transdisciplinar. Cabe ao professor reivindicar essa assistência e as instâncias que planejam a experiência da inclusão, a implementação.

O trabalho de inclusão impõe modificações no panorama institucional da escola e no interior das pessoas que aí trabalham. Assim, o trabalho deve começar com a mobilização de todos os profissionais, desde a direção, serviços de supervisão e coordenação e, também, de profissionais considerados periféricos como médicos, dentistas e psicólogos. Os professores e os funcionários da escola que lidarão com os alunos de inclusão mais diretamente devem participar dessa equipe de trabalho.

É extremamente importante que o professor/educador busque uma melhoria contínua das suas competências profissionais, dos seus conhecimentos científicos, de suas idéias sobre desenvolvimento e educação. Trabalhar os *pré-conceitos* é fundamental para o sucesso do trabalho que visa melhorar a qualidade de vida dos portadores de necessidades especiais, especificamente dos autistas.

O professor deve ter um papel significativo para a criança, pois assim maiores serão as chances de desenvolver as suas habilidades, uma vez que os alunos passarão a sentir segurança e confiança no professor. O conhecimento amplo e abrangente da síndrome de autismo, das características específicas da criança que educa e de metodologias de ensino atualizadas é extremamente importante para o professor que pretende realizar seu trabalho dignamente junto dessas crianças.

SCHWARTZMAN e ASSUMPÇÃO (1995), destacam que o professor deve oferecer uma previsibilidade de acontecimentos, que permite situar a criança no espaço e no tempo, na qual a organização de todo o contexto se torna uma referência para a sua segurança interna, diminuindo assim os níveis de angústia, ansiedade, frustração e distúrbios de comportamento. O professor também se beneficia dessa rotina à medida que consegue operacionalizar os objetivos do seu plano de ensino de maneira mais dinâmica e organizada. A rotina deve ser compreendida como planejamento e organização, e não uma restrição à criatividade do professor permitindo a ele a possibilidade de maior visualização sobre todo o seu trabalho

2. Objetivos

Verificar possibilidades para uma ação docente mais adequada, possibilitando que as crianças autistas tenham direito a educação de qualidade.

3. Desenvolvimento

Foi realizada intensa revisão bibliográfica sobre a temática, remetendo à debates em grupos de estudo e sala de aula. As fontes principais foram buscadas em artigos recomendados disponíveis na Internet, periódicos e revistas e tese. Também, contatos com profissionais da área de educação especial, no Estado de São Paulo e Rio Grande do Sul, foram realizados para ampliação dos entendimentos sobre a temática.

Foram realizadas visitas e pesquisa de campo à instituição que atende portadores da Síndrome de Autismo e de outras associadas - AUMA, em Piracicaba. A atividade constou de reconhecimento do trabalho desenvolvido na AUMA, além de entrevista não estruturada com profissionais da instituição.

4. Resultados

Por meio do desenvolvimento deste projeto o grupo pode aprender muito, sobre as possíveis causas do Autismo e as possibilidades de tratamento.

Percebeu-se que vale a pena investir na divulgação deste trabalho e mostrar como as competências e habilidades podem ser desenvolvidas com essas crianças, pois de fato há uma capacidade interna esperando para ser desenvolvida.

BAPTISTA e BOSA (2002), destacam a opinião de Mazzota que no final da década de 50 até os dias atuais a educação especial tem sido interpretada como um apêndice indesejável e muitos educadores e legisladores a vêem como meritória obra de abnegados e, muitas vezes é atribuído a ela o sentido de assistência e não de educação.

Por esta razão a visita feita a AUMA, possibilitou-nos um referencial muito significativo já que é o trabalho/atendimento oferecido nessa instituição é voltado à educação.

O grupo percebeu e, concorda com VIANA (2005), sobre a necessidade de buscar profissionais preparados e comprometidos com a causa, para levarem adiante o desafio que lhes é imposto, como educadores.

Segundo BAPTISTA e BOSA (2002), a idéia de desinstitucionalização da educação especial ainda é bastante recente, está em fase de construção. Contudo, há evidências de consolidar esta idéia para concretizar a educação especial, de fato como área de saber.

5. Considerações Finais

Este trabalho com essas crianças, necessita de muito investimento pessoal, capacitação, informação, e união de esforços, para que as crianças ampliem suas competências e habilidades, para que se possa ter e desenvolver uma prática educacional adequada e eficaz, que supra a necessidade dessas crianças e dê satisfação ao profissional que de perto lhe assiste.

Há necessidade da formação e funcionamento de escolas com projeto pedagógico interdisciplinar voltado para áreas do conhecimento das ciências químico-físicas e biológicas, sócio-históricas e do pensamento lógico-matemático. Por que não em Piracicaba? Melhor... Por meio da UNIMEP.

É muito fácil para aqueles que ficam fechados em suas salas de trabalho "inventar" coisas novas que de certa forma deve ajuda-los a se sentir melhor. Apenas determinam que deve haver a inclusão de portadores de necessidades especiais, mas esquecem de saber como funciona na prática e quais as implicações e preparações necessárias antes de "incluir".

Conforme Negrine e Machado (2004), a deficiência (como ciência) tem como tese central, de acordo com a opinião de Vygotsky, a questão de que a criança cujo desenvolvimento está complicado ou comprometido por alguma deficiência não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que seus contemporâneos normais, mas desenvolvida de outro modo. Cremos que isso dificulta a VONTADE DOS PROFISSIONAIS EM ABRAÇAR ESSE TRABALHO.

A baixa expectativa que se tem da aprendizagem dos deficientes mentais chamados de graves diminuí, também, o empenho da escola na utilização de recursos especiais para que aconteça o desenvolvimento

das esferas do simbólico, ficando insistentemente presas as atividades práticas.

Referências Bibliográficas

<http://www.autistas.org> >. Acesso em 11/12/2005.

BAPTISTA, C. ROBERTO, BOSA, CLEONICE (orgs). **Autismo e Educação**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

NEGRINE, A. MACHADO, M. L. S. **Autismo infantil: Terapia psicomotriz**. Caxias do Sul, Educs, 2004.

SCHWARTZMAN, Salomão J. **Autismo Infantil**. Brasília, Corde, 1994.